

## CAIO PRADO JUNIOR

Edgard Carone \*

Depois de um longo período de doença, em que passou quase seis anos em vida vegetativa, faleceu em 24 de novembro de 1990, Caio da Silva Prado Júnior. Nascido em 11 de fevereiro de 1907, sua vida passa por trajetória extensa e complexa. Estuda em S. Paulo, no Colégio S. Luis e em Eastborn, na Inglaterra; depois faz a Faculdade de Direito (1928), na capital paulista, exerce a profissão de advogado e até publica obra jurídica, *A Unificação do Direito Privado* (1926).

É a revolução de 1930 e as suas ramificações que o desviam da trajetória conservadora de sua família aristocrática e de seu ambiente. Nomeado para a Delegacia Revolucionária de Ribeirão Preto, realiza viagem pelo interior do Estado, ocasião em que depara com a teia de interesses na qual se forma o poder coronelístico. A constatação, leva-o a tomar posição crítica e, finalmente, a entrar no Partido Comunista do Brasil, em 1932. O processo é rápido: estando no PCB, no ano seguinte produz obra marxista, que é *Evolução Política do Brasil: ensaio de interpretação materialista da história brasileira*. A elaboração do trabalho só poderia ser resultado do acúmulo de seus conhecimentos históricos anteriores, que se somam, a partir de 1930 ou 1931, com a leitura de obras marxistas existentes no mercado, com certa abundância, em espanhol e francês. A comprovação desta assertiva confirma-se pela tradução que Caio Prado Junior faz da teoria do *Materialismo Histórico*, de Bukarin saído sem o nome do tradutor, pela Edições Caramuru, em 4 volumes, em 1935. No ano de 1933, ele viaja à Rússia, momento em que expressa suas observações em novo livro *URSS, um novo mundo*. Comp. Editora Nacional, 1934. A 2ª edição, de 1935, é apreendida pela polícia.

\* Professor Associado do Departamento de História da FFLCH/USP

Entre 1933 e 1935, sua atividade militante é grande, o que o leva a ocupar o cargo de Presidente da recém-formada Aliança Nacional Libertadora, em S. Paulô. Por esta razão, será preso em novembro de 1935, após o movimento insurrecional em Natal, no Recife e no Rio. Permanece no presídio Maria Zélia até 1937, sendo solto com a macedada (1937). Aproveitando-se desse momento democrático, que antecede à instauração do golpe do Estado Novo, foge para a Europa e lá participa da luta a favor dos republicanos espanhóis, contra Franco.

Volta ao Brasil nos meses que antecedem a IIa. Guerra Mundial e na hora em que o PCB praticamente deixara de existir. Além de participar da ação do pequeno grupo de comunistas paulistas, prepara sua grande obra histórica que é *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia* (1942), livro que revoluciona a análise interpretativa de nossa história. A partir de 1942/1943, ele se mostra contrário ao CNOP, isto é, a ala do Partido que apóia a luta contra o nazismo, ao mesmo tempo que aceita a permanência de Getúlio Vargas no poder. É em 1945, com a saída de Luís Carlos Prestes da prisão, que os diversos grupos dissidentes do CNOP, acabam aceitando a sua liderança e incorporando-se ao PCB.

Em 1945 publica a *História Econômica do Brasil*, livro escrito para a Coleção Terra Firme, da editora mexicana Fondo de Cultura Econômica. Ao mesmo tempo retorna a atividade partidária, é eleito deputado estadual em 1947, e cassado, como seus companheiros, em 1948. Neste espaço de tempo, tem papel importante na discussão sobre Constituição do Estado. Nos anos posteriores, participa do V Congresso do PCB (1956) e de inúmeras outras atividades partidárias. E, paralelamente, continua a produzir trabalhos, torna-se editor da *Revista Brasiliense*, tendo fundado a Editora Brasiliense (1942), com Monteiro Lobato. Além de inúmeros livros de filosofia marxista, como pode ser visto na lista anexa, duas obras continuam a marcar o seu amor pelo socialismo militante: *O mundo do Socialismo* (1962), impressões de uma viagem de retorno à Rússia, e *A Revolução Brasileira* (1966), ponto de vista crítico sobre as posições do PCB.

Caio Prado Junior marcou a sua vida pela coerência de suas posições políticas, pela modéstia de suas atitudes, pela batalha infatigável de sua militância escrita e de ação.

Crítico, seguindo com atenção a política do PCB, depois do V Congresso (1956), por várias razões, afasta-se da vida partidária. A separação provoca a curiosidade de uma amiga, que lhe pergunta: "Caio, você saiu do PCB, e ainda continua comunista?" A resposta veio rápida: "Continuo comunista cada vez mais". O compromisso com seu ideal se expressa também, e permanentemente, nos atos do cotidiano de sua vida. De família rica, não deixa transparecer em atos sua origem social. Ao contrário, nunca dá a entender o que pratica, como por exemplo, o auxílio que presta aos outros. Por depoimentos de terceiros, sabemos dos recursos financeiros que cede aos militantes do Par-

tido, perseguidos pela polícia, ou às famílias dos companheiros foragidos ou necessitados; das casas que "empresta" para refúgio de militantes que fogem das autoridades. Para não falarmos do pagamento das despesas e aluguéis, resultantes do período de vida da Aliança Nacional Libertadora, em São Paulo.

Intelectualmente, a coerência se mostra na capacidade de sua produção, cujo total atinge quase a casa de vinte obras. Mas grande parte de sua produção se encontra espalhada em jornais e revistas, nestes anos de sua fecunda produção, entre as décadas de trinta e sessenta. A maior parte dos leitores conhece seus editoriais e artigos saídos na *Revista Brasiliense*, porém, querendo pesquisar melhor, ver-se-á que sua presença está também em *A Platéia* (1935), *O Estado de S. Paulo*, em capítulos de várias obras, nas discussões sobre a Reforma de Base, etc.

Paralelamente a esta atividade, nota-se a persistência com que se dedica aos estudos históricos: as duas primeiras obras nesse campo — *Evolução Política do Brasil e Formação do Brasil Contemporâneo* — são produzidas em momentos relativamente diferentes: em 1933 a primeira, em 1942 a segunda. A *Formação* é gestada após a volta do exílio (1939), mas a sua elaboração faz que aplauda a reedição de alguns clássicos inteiramente esgotados. É com prefácio esclarecedor e penetrante que aparecem as edições fac-similadas do jornal *O Tamoio* (1823) pela Editora Zelio Valverde, 1944, e de *A Coreografia Brasileira* de Aires de Casal (I.N.L., 1945).

Outro traço curioso de sua trajetória editorial é o fato de ser o Autor cuja obra, em maioria esmagadora, saiu publicada com recursos próprios. A *Evolução Política do Brasil* não tem o nome da editora, mas unicamente o da gráfica, Revista dos Tribunais; *A URSS, um novo mundo* é o único livro publicado por uma editora (Comp. Editora Nacional); *Formação* tem a chancela da Livraria Martins, mas sabe-se que foi financiada por Caio Prado Junior. As obras posteriores, na sua totalidade, saem pela Editora Brasiliense, de sua propriedade. A nossa observação não pretende mostrar limite nenhum ao fato, mas apenas revelar a coincidência do fenômeno, pois, sem dúvida, pelo valor e prestígio do Autor, não faltariam, na maior parte dos casos, editores que quisessem publicar os seus livros.

Finalmente, outro aspecto de sua contribuição, que em geral é marginalizado, é a valorização do fenômeno geográfico como um dos fatores do conhecimento histórico. Caio Prado Junior utiliza-o dialeticamente, mostrando a sua relação na formação brasileira, no sentido positivo e também no negativo. Nos capítulos da *Formação*, a sua presença é fundamental, nas partes sobre "Povoamento" e "Vida Material", o que mostra como ele foi discípulo da Escola Francesa de Geografia Humana, de Vidal de la Blanche, que, na década de 30, é difundida pelas Faculdades de Filosofia, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Entre nós, dois franceses ocupam lugar de destaque: Pierre Deffontaines e Pierre Mombeig, que vieram ao Brasil, o primeiro, em

1934, o segundo, em 1935. Cabe a Mombeig a fundação da Sociedade Geográfica Brasileira e a publicação da revista *Geografia*. Das reuniões da Sociedade e das publicações da revista, Caio Prado participa, o que resulta excelentes trabalhos seus sobre Geografia e História: o fator geográfico na *Formação e Desenvolvimento da Cidade de S. Paulo*, e nos estudos que tratam da *Contribuição para a Geografia Urbana da Cidade de São Paulo*.

Um último traço que queremos ressaltar (existem muitos outros) é a sua capacidade de procurar e auscultar o real. Em entrevista de 1978, Caio Prado diz que "é preciso deixar o povo falar". E é com esse povo e esse país que ele gosta de manter contacto, para conhecê-los, sentir a sua realidade. Eu o vi várias vezes, tomando ônibus na cidade, como conheço suas declarações, dizendo preferir viajar pelo Brasil, para sentir a sua realidade, a passear pelo estrangeiro. E no exílio, em Paris, em 1971, ao pensar em conhecer a América do Sul, é indagado sobre o meio de transporte que usaria: "De ônibus, ora essa, ou vocês sabem de alguma forma melhor para conhecer a realidade? respondeu do alto de seus 64 anos retos de corpo e coragem, àqueles exilados que poderiam ser seus filhos" (David Lerer in *Folha de S. Paulo*, 28.11.1990, Painel do Leitor)

Algumas indicações bibliográficas do autor: *A República Velha* (2 vols.); *O Estado Novo. A República Liberal*. Seu último livro intitula-se *Classes Sociais e o movimento operário*.